



Detentores do saber: um relato de experiência etnográfica com Apanhadoras e Apanhadores de Flor da Serra do Espinhaço Meridional, Minas Gerais-Brasil

Between traditional knowledge: na ethnographic experience with Apanhadoras e Apanhadores de Flor from Serra do Espinhaço Meridional, Minas Gerais-Brasil

PEREIRA, Ana Clara Alves¹; FERREIRA, Maria Julia²; NOVATO, Thiago da Silva³; FANTINI, Isabella⁴; RIBEIRO, Ana Carolina Araújo⁵; SOLDATI, Gustavo Taboada⁶.

¹ Programa de pós-graduação em Etnobiologia e Conservação da Natureza, anaclara.apereira@gmail.com; ² Programa de pós-graduação em Etnobiologia e Conservação da Natureza, ferreira.julia2208@gmail.com; ³ Programa de pós-graduação em Etnobiologia e conservação da Natureza, thiago.novato@icb.ufjf.br; ⁴ Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), isabellaffantini@gmail.com; ⁵ Programa de pós-graduação em Etnobiologia e Conservação da Natureza, ana.ribeiro@ecologia.ufjf.br; ⁶ Departamento de Botânica da UFJF, gustavo.soldati@ufjf.br.

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Biodiversidade e Conhecimento dos Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo: O presente trabalho busca relatar experiências técnicas e pessoais durante a realização do campo de um projeto que visou elucidar de que forma o manejo tradicional das/os apanhadoras de flores sempre-vivas da comunidade Macacos, na Serra do Espinhaço Meridional, potencialmente doméstica populações de plantas. Utilizando entrevistas semiestruturadas e turnês guiadas foram desenvolvidas lista das espécies presentes nos quintais e dos manejos realizados, para comparação com a literatura das potencialidades domesticadoras destes manejos. Foram encontrados 9 manejos potencialmente domesticadores e 126 espécies botânicas cultivadas, dos quais 3 e 7 foram citados, respectivamente. O campo desenvolvido permitiu aprendizados pessoais aos pesquisadores sobre agroecologia e confirmou a sabedoria daqueles que resguardam a agrobiodiversidade e a Serra do Espinhaço.

Palavras-Chave: manejo de agrossistemas; sistema agrícola tradicional; etnobotânica; sociobiodiversidade.

Contexto

O trabalho aconteceu em parceria com a comunidade Macacos, pertencente ao Povo Tradicional autodenominado Apanhadoras e Apanhadores de flor Sempre-Viva, da Serra do Espinhaço Meridional, Minas Gerais-Brasil. A comunidade se encontra no fitodomínio Cerrado, estes se reconhecem como agricultoras e agricultores, extrativistas e criadores, de produção familiar, de gado curraleiro (CODECEX, 2020).

As atividades agrícolas acontecem principalmente em roças e quintais. As roças são áreas de cultivo de plantas anuais, como feijão, milho, abóbora e mandioca. Já os quintais têm uma maior variedade de plantas, de hortaliças a estrondosas mangueiras (*Mangifera indica* L.), nessas áreas são cultivadas plantas alimentícias, medicinais e paisagísticas. Quintais são áreas imediatas às casas, onde ocorrem experimentações com as populações de plantas, durante as quais são dados



significados à agrobiodiversidade, bem como desenvolvimento das relações familiares e entre vizinhos (ALMADA, 2017). Na organização das/os parceiras/os de pesquisa, as roças também são imediatas às casas, de forma que os quintais são construídos pelas roças, hortas, jardins, pomar, galinheiros e até pasto.

Já as atividades extrativistas de coleta de flores, frutos secos, sementes, cascas de árvores, lenha e a soltura do gado são feitos nas mais variadas paisagens da Serra – definidas como áreas as quais os seres humanos atribuíram significado (a partir da experiência, ou seja, de memória e uso) e manejaram ao longo do tempo (DESCOLA, 2016). As/os apanhadores tem experiência com variadas paisagens (de secos e abertos à úmidos e fechados) e isso se reflete no cultivo que acontece nas roças e quintais, existindo fluxo gênico entre as paisagens da Serra e os quintais (MONTEIRO, 2021).

Porém, em 2002 foi criado o Parque Nacional das Sempre-Vivas (PNSV), que sobrepôs parte do território tradicional, promovendo o encurralamento dos modos de vida das Apanhadoras e Apanhadores de flor Sempre-Viva e hoje, as casas das/os comunitárias/os e suas áreas de cultivo ficam na área de entorno do PNSV. Por essa razão, durante muito tempo as/os comunitárias/os não puderam realizar suas práticas tradicionais nas áreas comuns ancestrais. As/os comunitárias/os relataram existir diversos conflitos com o PNSV em função da mudança da dinâmica de acesso ao território. Ressaltamos que as atividades agrícolas não sofreram muitas proibições com a criação PNSV, por serem realizadas fora dos limites do parque.

Todavia, em 2010 as/os comunitárias/os, juntamente com outras 7 comunidades de apanhadoras e apanhadores de flores, fundaram a Comissão em Defesa dos Direitos das Comunidades Extrativistas (Codecex), com o slogan “Sempre-Viva na Luta!”. E assim, após anos de luta política, essas pessoas recuperaram parte de seus direitos e gradualmente estão retomando suas práticas e tradições; por este fato e outras particularidades, em 2020 foram reconhecidos como Patrimônio Mundial da Agricultura pela Organização das Nações Unidas-FAO, sob a perspectiva de que as/os apanhadores de flor fazem o manejo da biodiversidade da Serra do Espinhaço e, com isso, a mantém viva e conservada.

Compreendemos, dentro da academia, que este manejo a longo prazo, gera a domesticação das paisagens (LEVIS *et al.*, 2017), sendo uma das formas de se domesticar uma paisagem a domesticação de plantas, foco do trabalho aqui relatado. A domesticação de plantas acontece a partir da seleção e propagação de indivíduos de plantas com características de interesse humano (CLEMENT, 1999). Por exemplo, um fruto mais doce é mais propagado em detrimento de outro fruto mais amargo até que a população apresente majoritariamente frutos mais doces. Vale salientar que este processo acontece durante um longo período e que não só as populações de plantas passam por modificações, como também as populações humanas, que passam a construir hábitos a partir das necessidades dessas plantas domesticadas (SOUZA JÚNIOR *et al.*, 2018; CLEMENT *et al.*, 2021). Seguindo o exemplo anterior, uma determinada espécie para ter fruto mais doce necessita de



maiores quantidades de água, por essa razão humanos passam a manejar as populações em suas áreas de cultivo realizando regas mais frequentes (mais de duas vezes ao dia). Após alguns anos, a prática de regar se torna rotina e a população daquela espécie terá indivíduos mais doces na área onde o manejo é feito.

Assim se constitui a agrobiodiversidade, conceito chave nesse processo, composta por todos os seres vivos que compõem a paisagem e os conhecimentos associados, desde plantas e animais até microorganismos (SANTILLI, 2009). É fundamental para a segurança agrícola, alimentar e nutricional dessas pessoas, porque garante autonomia ao território. Fornecendo plantas mais bem adaptadas localmente e que não demandam investimentos ou perdas monetárias, por se basear no capital ecológico (PLOEG, 2009).

Por esse contexto, juntamente com a Codecex, consideramos importante estudar as consequências do manejo a longo prazo para as/os apanhadores e para as populações de plantas na comunidade Macacos, em outras palavras, estudar o processo de domesticação de plantas, neste caso, nos quintais de Macacos. Assim, o objetivo do trabalho foi descrever as práticas de manejo que potencialmente domesticam as populações de plantas nativas nos quintais tradicionais de Macacos.

Acreditamos que este campo de estudo possa ampliar a discussão de Quintais Tradicionais como locais de foco da conservação *on farm*, conceito que evoca o elemento cultural e contínuo das práticas agrícolas. Além de quintais serem áreas importantes para a conservação da biodiversidade local, como demonstrado por trabalhos como de Herrera-Cabrera e colaboradores (2018).

Descrição da Experiência

Fortalecemos nossas relações com a comunidade em 2019 e durante todas as visitas a comunidade os estudantes envolvidos tomavam anotações em cadernos de campo, que juntamente com as metodologias do trabalho em questão, foi feita a tentativa de produzir um trabalho que fosse fidedigno ao que nossas/os parceiras/os apresentaram, para traduzir para a linguagem acadêmica de forma mais proveitosa as informações passadas. Ocorreram também momentos mais aplicados, durante os quais foram realizadas entrevistas semiestruturadas, observação participante e turnês guiadas, que nos permitiram triangulação de dados para a metodologia da presente experiência, seguindo o preconizado por Albuquerque e colaboradores (2019) em todo o processo metodológico. As entrevistas semiestruturadas foram importantes para identificar o conceito êmico dos quintais e detalhar o manejo realizado nessa paisagem. Já as turnês guiadas foram utilizadas para construir listas de espécies e de variedades presentes, bem como relacionar as práticas de manejo específicas a cada espécie. Foram registradas 126 espécies úteis, entretanto trataremos de apenas alguns exemplos marcantes aos pesquisadores.



A partir dessas metodologias foi possível compreender que as famílias da comunidade Macacos apresentam uma relação extremamente íntima e persistente com os quintais. Nos foi relatado que elas/es passam “o dia todo no quintal”, já que “chegou na porta da cozinha é quintal”. Esse espaço é local de plantio de muitas variedades de plantas alimentares, medicinais e de jardim, bem como local de manufaturar produtos, como o colorau, a partir do urucum (*Bixa orellana* L.). Este é um exemplo interessante, pois o colorau é tratado a partir do “socar” as sementes em um pilão e durante o processo sementes acabam por cair do pilão e nascendo na área de processamento. Este é um exemplo de manejo potencialmente domesticador encontrado nos quintais, ocorrendo a propagação do urucum utilizado.

Para algumas espécies, como a mandioca (*Manihot esculenta* Crantz), mais de nove variedades foram registradas, entre as mandiocas bravas (de fazer farinha) e mansas (de cozimento), todas variedades plantadas e trocadas dentro da comunidade. Além de 4 variedades de uma mesma espécie de abóbora d’água (*Benincasa hispida* (Thunb.) Cogn.), das quais se fazem cabaças de formatos diferentes e de usos diferentes. Existem as chamadas de boia e as chamadas de garrafa, registradas em fotografias, que como os nomes sugerem, no passado foram utilizadas como boias – e as pessoas relataram que aprenderam a nadar utilizando essas “boias”. E as que são utilizadas como recipiente para guardar água, ou seja, garrafa.

Espécies frutíferas como goiaba (*Psidium guajava* L.) (duas variedades) e jabuticaba (*Plinia peruviana* (Poir.) Govaerts) (três variedades) não são plantadas, mas são colhidas e consumidas, ou seja, são toleradas. Assim como outro grupo, as palmeiras (*Syagrus* sp.), que se consome o “côco” ou “coquinho” (albúmen sólido).

Presenciamos uma situação em que ocorreu a queda de uma palmeira, esta foi recortada e deixada no local, pois consideraram que nutriria o solo. Foi argumentado que o quintal é lugar que “quanto mais é plantado, menos se precisa cuidar”. Existem áreas de solo pobre, arenoso e que o solo perde “força” rapidamente, então nossas/os parceiras/os de pesquisa, em uma perspectiva bastante agroecológica, nos relataram que com o aumentando do número de espécimes plantados, mais folhas, gravetos e frutos caem no chão e devolvem “força” ao solo, para que as plantas cresçam. O manejo persistente dos quintais faz com que esse sistema se retroalimente em termos de recursos e nutrientes essenciais às plantas, bem como manter a umidade do solo, de forma com que a produtividade e cuidados intensos podem diminuir ao longo do tempo sem perdas significativas à produtividade. Uma prática compartilhada pela agroecologia. Ou seja, os quintais tradicionais são áreas de agroflorestas funcionais, onde ocorre domesticação de espécies.

Outra situação que nos causou curiosidade foram as mudas de café “comum” (*Coffea arabica* L.), algumas com mais de 25 anos. Esta variedade é chamada de “comum” pois a primeira muda foi trazida a mais de 100 anos para a comunidade, pelos avós de moradores que trabalharam na fazenda cafeeira próxima. A família



que nos apresentou essas mudas relatou uma recente diminuição da produção de frutos. Em função disso, novos testes seriam feitos, como a poda e a adubação com fezes de galinha, para tentar aumentar a produção. Ou seja, ainda na atualidade, com mais de 75 e 69 anos, a matriarca e o patriarca da família continuam a experimentar em seu quintal. E caso a experiência seja bem-sucedida, o conhecimento será transmitido a seus pares.

Todas as entrevistas e turnês guiadas ocorreram em momentos diferentes e por vezes de forma a ser interrompida e reiniciada em outro dia. A entrevista mais longa durou mais de 5 horas, contando com a turnê pelo quintal. O entrevistado optou por nos receber bem cedo, para que nos mostrasse todo o quintal e o trabalho que este realiza pelo espaço, como a rega, a adubação, a capina e o roçado. Após esse momento, foram colhidas plantas para o preparo de um almoço coletivo durante o qual aconteceu troca de saberes.

Resultados

Registramos 8 manejos potencialmente domesticadores nos quintais de Macacos, mas abordaremos apenas (i) promoção; (ii) tolerância; e (iii) supressão, selecionados em função da singularidade dos achados na pesquisa.

A promoção está relacionada com o que postula Darwin (1865): a domesticação de uma espécie acontece quando existe variação, seleção e propagação. Ou seja, dentro de uma população deve existir indivíduos com folhas grandes e indivíduos com folhas pequenas, para que algum desses indivíduos seja selecionado e propagado, construindo uma população majoritariamente com folhas grandes ou pequenas. Já tolerância e supressão são geralmente associados a domesticação de paisagens (LEVIS *et al*, 2017). A situação demonstrada nos quintais de Macacos permitiu a reflexão de que populações estão sendo domesticadas a partir desses manejos.

A tolerância e supressão ocorrem baseadas nas estações e locais onde os indivíduos se desenvolvem nos quintais. Árvores quando encontradas no interior do quintal são suprimidas, mas se encontradas próximo às bordas, são toleradas, pois não sombrearão indivíduos nas áreas internas. A partir desse manejo, indivíduos que são capazes de se desenvolver em sol pleno são selecionados e são permitidos de propagar suas sementes. Ocorrendo então, variação (capacidade de se desenvolver na sombra e a sol pleno), seleção (da característica de desenvolvimento a sol pleno) e a propagação (os indivíduos que se desenvolveram propagam suas sementes). Outra situação que emergiu foi a supressão de ervas daninhas, que de acordo com os relatos, empregam energia para crescimento e dispersão de sementes durante o período das chuvas, então são suprimidas no período pós chuvas. Dessa forma duas situações são possíveis: a seleção de indivíduos que empreguem energia na dispersão de sementes em outras estações, visto que a supressão pode inibir a dispersão das sementes, passando a dispersar em épocas similares a plantas que são protegidas, por tanto dificultando a



supressão, como relatado por Lins Netos e colaboradores (2014). A segunda situação seria a da perda de deiscência. É relatado em literatura que possivelmente o uso de foices contribuiu para que populações não deiscentes de arroz fossem selecionadas (PURRUGANAN, 2009), na comunidade são utilizadas também ferramentas como foices e roçadeiras para supressão.

Quando nos encontramos dentro dos quintais, percebemos que as formas de selecionar características podem ser extremamente sutis, não lineares e que tudo é uma possibilidade. Mapear essas possibilidades e os caminhos não lineares que seguem os quintais da comunidade Macacos amplia e fortifica o argumento de que estas pessoas são detentoras de intrínseco conhecimento sobre a conservação dos recursos alimentares da Serra e de que são os responsáveis pela conservação *on-farm* da agrobiodiversidade. Os quintais tradicionais de Macacos se tornam então *hotspot* da conservação da agrobiodiversidade e da biodiversidade local. Seus quintais podem ser responsáveis por diversas funções ecossistêmicas na região e por semear a Serra do Espinhaço, ao prover sementes a animais e ao serem carregadas pelas/os apanhadoras e apanhadores de flores por seus caminhos.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, U. P. *et al.* Methods and Techniques in: Ethnobiology and Ethnoecology. **Human Press** – 2ª edition, NY, 342p. 2019.

ALMADA, E.D.; OLIVEIRA E SOUZA, M. (org.). **Quintais: Memória, resistência e patrimônio biocultural**. Belo Horizonte: EdUEMG, 2017. p. 15–29

CLEMENT, C. R. 1492 and the loss of amazonian crop genetic resources. I. The relation between domestication and human population decline. **Economic Botany**. 1999.

CODECEX. Protocolo Comunitário de Consulta Prévia: Vargem do Inhaí, Mata dos Crioulos, Raíz e Braúnas. Diamantina-MG. 2020.

DESCOLA, F. Landscape as transfiguration. Edward Westermarck memorial Lecture. **Suomen antropologi**, 41(1): 1-14. 2016.

HERRERA-CABRERA, B. E. *et al.* Beyond the traditional home garden: a circa situm conservation experience of *Laelia anceps* subsp. *dawsonii* f. *chilapensis* Soto-Arenas (Orchidaceae). **Environment, Development and Sustainability**, 1913-1927. 2018.

SOUZA JÚNIOR, J. R. *et al.* Traditional management affects the phenotypic diversity of fruits with economic and cultural importance in the Brazilian Savanna. **Agroforestry Systems**, 92(1), 11–21. 2018. <https://doi.org/10.1007/s10457-016-0005-1>



LEVIS, C. *et al.* How people domesticated Amazonian forests. **Frontiers in Ecology and Evolution**, 5(JAN). 2018. <https://doi.org/10.3389/fevo.2017.00171>

LINS NETO, E. M. D. F. *et al.* Brazilian and Mexican experiences in the study of incipient domestication. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, 10(1), 1–12. 2014.

MONTEIRO, F. T. Nas fronteiras das minas com os gerais: as terras de uso comum e o uso coletivo de terras. São Paulo: **Annablume**, 2021. v. 2.

PLOEG, J. Sete teses sobre a agricultura camponesa. **Revistas Agrícolas: Experiências em Agroecologia**, [s. l.], n. Especial, p. 17–32, 2009.

PURUGGANAN, M. D.; FULLER, D. Q. (2009). The nature of selection during plant domestication. *Nature*, 457(7231), 843–848. <https://doi.org/10.1038/nature07895>

SANTILLI, J. **Agrobiodiversidade e direitos dos agricultores**. Imprensa: São Paulo, Peirópolis, 2009. Descrição Física: 519 p. ISBN: 9788575961575.